

Blogs como meios de resistência aos governos totalitários¹

Márcia Siqueira Costa Marques²

Pontifícia Universidade de São Paulo (PUCSP)

Resumo

Novos meios de comunicação e convergência tecnológica estão fazendo emergir tipos diferentes de redes sociais na internet- que em 2009 comemora seus 40 anos. Os blogs se popularizam cada vez mais e o avanço da técnica aumenta a interação entre pessoas e redes digitais, abre canais de expressão e mostra o potencial do meio como reverberador de tendências, sua utilização se amplia e, hoje, os blogs estão sendo usados como meios de mobilização de pessoas, de pressão política e de luta contra a censura da mídia por governos autoritários. A informação em tempo real faz com que todos passem a ser repórteres. A blogueira cubana, Yoani Sanchez, é um bom exemplo dessa nova utilização do meio, mas acreditar que governos autoritários mudem por causa de blogs é um entendimento equivocado do meio, uma “ciberutopia”.

Palavras-chave

Cibercultura; Blog; Censura; Resistência Política; Ciberutopia.

Introdução

É a partir do comunicar-se e relacionar-se com semelhantes que o ser humano se constrói como ser social. Ele se agrupa e constitui novas comunidades, redes, sociedades. Essas interações e representações conceituam historicamente a humanidade. Assim, é importante pensar como estes sujeitos sociais se organizam e se representam no mundo contemporâneo, frente às novas tecnologias de informação e comunicação, com a convergência das mídias, com o surgimento de uma cultura digital.

¹Artigo científico apresentado ao eixo temático “Redes sociais, identidade e sociabilidade”, do III Simpósio Nacional da ABCiber.

² Márcia Siqueira Costa Marques cursa doutorado em Comunicação na PUC-SP. É bolsista do CNPq. É graduada em Jornalismo e em Publicidade e Propaganda. Cursou CEAG(Curso de Especialização em Administração para Graduados) na FGV-SP; MBA Executivo em Marketing no IBMEC – SP ; especialização em Comunicação Corporativa Integrada na Universidade da Florida, em Gainesville, nos EUA e é mestre em Comunicação e Mercado pela Faculdade Cásper Líbero em São Paulo.

“A técnica é nosso mundo” afirma Galimbert (2006, p.8). E enfatiza que a “técnica não é mais objeto de uma escolha nossa, pois é nosso ambiente” e as novas características criadas pela tecnologia vão gerar hábitos que vão nos transformar.

Os impactos destas transformações sociais e comunicacionais nos mostram um novo ambiente sócio-cultural baseado na era digital, no ciberespaço, que traz também uma nova forma de cultura, a cibercultura, onde a lógica racional é hipertextual, não linear e interativa. E ler, nas hipermídias, pode significar ler realmente, tocar, fazer escolhas permanentes ou provisórias, criar, de alguma maneira, o texto. O usuário pode navegar, buscar, organizar, filtrar, recordar, programar, fichar, avisar, gerenciar, ajudar, brincar, atuar e até trabalhar. Todo um campo de fazeres significativos.

A presença desta nova tecnologia e de novos meios de comunicação vem transformando o modo dos indivíduos se comunicarem, se relacionarem e construírem conhecimentos. Este fenômeno propicia lógicas de agrupamentos diferenciados, em consequência de ações culturais desta chamada cibercultura. Os ambientes existentes no ciberespaço são virtuais, mas nem por isso deixam de formar grupos, comunidades e redes sociais, de aprendizagem, de relacionamentos.

1. Internet chega aos 40 anos

No dia 2 de setembro de 1969, algumas pessoas se reuniram no laboratório de Len Kleinrock, na Universidade da Califórnia (EUA), para assistir dois computadores passando dados de teste por meio de um cabo de mais ou menos 15 metros. Nascia aí a internet. Neste momento não se pensava em vídeos engraçados, aplicativos de uso fácil ou redes sociais. Era apenas uma rede aberta para troca livre de informações e essa abertura estimulou a inovação.³

Na década de 70 essa rede aberta começa a comunicação com os protocolos TCP/IP, que permitiam a conexão de várias redes. Isso vai formar o que conhecemos hoje como internet. Começam aqui também as comunicações por e-mail. Nos anos 80 essa comunicação começa a se organizar e, para facilitar, adicionam aos endereços de redes os sistemas de endereçamento com os sufixos como “com” e “org” (como ainda hoje conhecemos). Mas a rede ainda era desconhecida. A internet só se tornou conhecida nos anos 90, depois que o físico britânico Tim Berners Lee inventou a World Wide Web, o www, um sistema para facilitar a ligação dos

³ <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u617772.shtml>

recursos da rede, hoje tão comuns na maioria dos endereços da rede de computadores. Assim, prestadores puderam colocar milhares, depois milhões de pessoas conectadas. Hoje atrai mais de um bilhão de pessoas.

Ainda há muito espaço para inovação na rede de computadores, mas em muitos casos a noção de “rede aberta” está em perigo. Ataques de piratas da rede e spams criam os filtros de rede, as barreiras de segurança. Regimes autoritários bloqueiam o livre acesso a muitos sites e, mais ainda, bloqueiam a livre comunicação tanto fora como dentro de suas fronteiras.

2. Blogs

No princípio dos anos 90, começaram a surgir os Fóruns da Internet, as listas de *e-mail*, a “Usenet” e os “bulletin boards”, dos quais vão surgir muitas das expressões usadas pelos blogueiros, como o post. Em dezembro de 1997, o termo “weblog” foi criado pelo norte americano Jorn Barger, para definir as páginas pessoais que utilizavam ferramentas que permitiam não só a ligação a outras páginas mais facilmente, como o uso de “*blogrolls*” (gestão de links) e “*trackbacks*” (gestão de arquivos), assim como comentários aos textos. Nos inícios de 1999, Peter Merholz, criou na sua página pessoal a palavra blog como diminutivo de “weblog”, mas também como uma forma verbal que foi depois popularizada pela criação do serviço Blogger da empresa Pyra em 1999.

Em 2003, os blogs começam a ganhar cada vez mais peso na comunicação social, especialmente pelo fato de começarem a aparecer os primeiros blogs anti-guerra no Iraque, com notícias que a maior parte dos meios de comunicação não transmitia. Um dos pioneiros da criação de ferramentas utilizadas quase exclusivamente pelos blogs foi Dave Winer da Universidade de Harvard, ao criar o serviço de “*trackback*” (ferramenta que possibilitava a ligação dos blogs a textos pessoais mais antigos, por meio de uma ligação na própria página). Finalmente, um dos momentos-chave do desenvolvimento e expansão dos blogs foi o surgimento do “Open Software”, que permitiu uma atualização e um desenvolvimento mais rápido das ferramentas utilizadas. A campanha presidencial norte-americana de 2008 e a utilização de blogs e microblogs como Twitter, pelo candidato e agora presidente Barack Obama, trouxeram esse assunto para o centro da discussão sobre redes digitais e sua importância para a comunicação.

Os blogs possuem ferramentas que permitem que os leitores possam opinar, perguntar, interagir a respeito de tudo que é discutido no blog, ou simplesmente de qualquer assunto que

interesse a uma das partes. Essa liberdade de acesso e de expressão faz dos blogs uma ferramenta de comunicação com custos baixos e grande potencial de alcance. É um meio barato de produzir e distribuir. E, teoricamente, tem fácil acesso. É sabido que nem todos têm acesso à internet, mas o acesso à rede é o único requisito básico para acessar os blogs e daí poder também ser um produtor de conteúdo

Nos blogs, todos podem dialogar constantemente, possibilitando uma grande interação. Muitos questionamentos podem surgir quando pensamos sobre o alcance e abrangência dos blogs E mais ainda quando falamos de independência, liberdade de expressão e ação. A disseminação dos blogs nos faz questionar a respeito das funções que eles vêm desempenhando na atualidade.

3. A sociedade da tecnologia

Para os publicitários, com a tecnologia existente esse “novo consumidor” está em múltiplos lugares, tem acesso a muitos meios de comunicação e os usa com segurança; se informa sobre tudo ao seu redor, elege empresas, exclui marcas, edita o melhor, enfim, ele interage, opina recomenda. Acima de tudo ele é também co-autor, já sendo conhecido nos meios internacionais como “prosumer”, que é formado pelas palavras produtor + consumidor (producer e consumer em inglês). Esse “novo consumidor” presente na internet, chamado de usuário, tem vez e tem voz. Ele é quase “onipresente” – pode “estar” em múltiplos lugares ao mesmo tempo- ele tem acesso a todo tipo de informação e meios de comunicação e os usa com segurança. Ele se informa sobre tudo ao seu redor, por meio da internet e pode passar informação para outros, também por meio da mesma rede. Ele é receptor e também emissor de mensagens, de informações, sendo uma figura muito mais complexa no processo da comunicação.

Nesta sociedade globalizada a informação circula quase que instantaneamente, não importa a distância. É “a dromocracia cibercultural” conceito explicado por Trivinho(2007), em seu livro de mesmo nome que explica a fase do capitalismo atual articulado pela velocidade dos meios de comunicação e tecnologia digital. A internet encurtou o ciclo da informação, modificando o tempo da mesma. A informação também pode ser estocada por muito tempo, com custos irrisórios e a infra-estrutura desta rede se expande no mundo todo como uma imensa teia. Seu território não está mais demarcado o protegido – a informação não se prende às fronteiras, nem ideologias. É o processo de *glocalização da existência*

*humana*⁴ - onde glocal é uma junção de global com local. O fenômeno glocal surge com o advento das telecomunicações - se inicia com o telégrafo e só aumenta com as novas tecnologias do virtual. É uma “comunicação instrumental à distância, isto é, aquela que é mediada por máquinas”.

Com o avanço da telecomunicação e a convergência tecnológica, os terminais telefônicos, especialmente os de 3ª Geração (que podem transmitir voz, dados e entretenimento na mesma rede e no mesmo aparelho), passam a ter um papel importante no mix de comunicação, principalmente no caso dos usuários mais jovens.

Como explica Trivinho, “é como religião que a tecnologia, cultuada pelas indústrias, pela publicidade, pelos *media* convencionais e pelos consumidores pode comparecer também como espetáculo cotidiano”. (2001, p.84)

4. Mundo conectado em tempo real

A convergência tecnológica e a velocidade trazem a comunicação em tempo real em quase todo planeta. Esses meios de comunicação, quase como extensões protéticas do homem, são realidade hoje, mas é interessante pensar o que está acontecendo ao mundo em termos de comunicação.

Marshal McLuhan, teórico canadense, autor do livro “os meios de comunicação como extensões do homem”, não presenciou a internet, a rede mundial de computadores (*World Wide Web*), mas sua visão nesse campo está se concretizando. Estar no ciberespaço nos conecta com o mundo, mas nos impõe dúvidas e desafios.

A enorme exclusão social continua a existir no mundo virtual e traz com ela o analfabeto digital, aquele cidadão que não está dromoapto⁵ a operar e se comunicar nesse novo modelo. A nova lógica da desigualdade virtual gira em torno da aptidão (de conectar-se à rede - posse e conhecimento) e da velocidade (de aprendizado, de conexão e troca de equipamentos e softwares). A teoria é uma coisa e a realidade é outra.

“Já pouco confiável, o sistema de informação está atualmente sujeito a uma revolução radical com o advento do digital e da multimídia, cujo alcance é comparado por alguns com a invenção da imprensa em 1440, por Gutemberg”, assim Ignácio Ramonet, jornalista e doutor

⁴ TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007

⁵Dromoaptação conceito explicado por TRIVINHO, Eugenio., 2007, pg72

em Semiótica, inicia seu livro “A Tirania da Comunicação”. Ele acredita que a internet cria uma ruptura que poderia acabar por revolucionar todo o campo da comunicação.

A comunicação na cibercultura traz uma nova dinâmica de poder que determina a lógica do aparecer/desaparecer da informação, uma forma de comunicação pelo padrão da “incomunicação” . A informação se banaliza nesta sociedade do espetáculo que traz em sua lógica o consumo voraz da informação e, portanto, de todos os objetos.

A instantaneidade do meio- a informação em tempo real- vista por muitos como uma virtude do novo meio pode ser também fator de preocupação. Como separar o joio do trigo? Como saber, entre milhares de páginas acessadas, qual será verdadeira? E qual será a precisão dessa notícia?

A rapidez da disseminação da informação muitas vezes não permite a verificação desta e falsos boatos são colocados e espalhados pela rede. Recentemente, o ator norte-americano Patrick Swayse, que está numa batalha contra um câncer no pâncreas, teve que se apresentar na rede para explicar que não estava morto como anunciado. O mesmo aconteceu com Jeff Goldblum, escritor norte-americano.

Vivemos hoje numa sociedade da informação onde todo mundo se comunica. Onde todos podem produzir informação, ter seu próprio jornal ou blog, seu próprio boletim, e sua divulgação é imediata e com um grande alcance.

A pressão pela rapidez da informação, pelos meios buscando o furo a qualquer custo, tem levado a muitos erros e, às vezes, muito sofrimento para familiares e amigos de vítimas de acidentes que sabem do ocorrido pela mídia. Desde que os blogs começaram a competir com a mídia de massa, muitos editores têm preferido corrigir depois a esperar para publicar com mais detalhes e certeza – e ser furado pelo concorrente. A busca pela exclusividade tem aproximado cada vez mais a mídia tradicional dos blogs. A morte de Michael Jackson foi anunciada antes pelo microblog Twitter e só depois, quando algumas redes já falavam da biografia do cantor e postavam fotos, filmes e dados sobre Jackson, é que a notícia foi confirmada pela TVs e sites jornalísticos. As notícias que circulam na internet podem se espalhar muito rapidamente, muitas vezes rápido até demais, sem deixar tempo de checagem da veracidade da informação.

Ramonet chama atenção para a descoberta de novos territórios de informação “que são a vida privada de personalidades públicas e os escândalos ligados à corrupção e ao “affairismo””. Ele chama isso de jornalismo de revelação (em oposição ao jornalismo de informação). Esse tipo de jornalismo é preocupante porque acirra a competição pelos furos de

reportagem e também traz a “hiperemoção causada pela superinformação” É o espetáculo trazido para o jornalismo e o furo a qualquer preço. Outro perigo desse tipo de informação é que um evento pode servir para despistar um anterior ou indesejado - é a informação que oculta outra informação e não depende mais da relevância ou importância do assunto. Antes podia se dizer que quem tinha informação tinha poder. Hoje a informação é superabundante e o excesso de notícias é outra forma de dispersão.

Credibilidade também é um grande problema da internet. Além do uso de pseudônimos e avatares, a rapidez para se criar novos perfis revela a fugacidade das identidades na rede, como saber quem está postando o quê? Como desenvolver a reputação nessa nova rede tão volúvel e rápida? Ser parte de uma rede nada garante, pois os membros desta rede podem bloquear ou deletar sua conexão, ou deixar de segui-lo, no caso do Twitter.

A 4ª edição da pesquisa 'Power to the People', da Universal McCann, publicada no site do bluebus, meio especializado em informações do mundo da publicidade e propaganda, dia 24 de julho passado, mostra que 625 milhões de pessoas em todo o mundo são usuários ativos de internet. O estudo, que tem como foco na mídia social, diz que quase 63% desses usuários ativos já criaram perfil em alguma rede social, contra 57% na pesquisa anterior, de março de 2008. Os que lêem blogs somam 71%.⁶

5. Internet e a censura de governos

Censurar a internet de forma imperceptível é o sonho dos governos repressivos e de modo geral os internautas mais censurados, muitas vezes, são aqueles que nunca chegam a tomar conhecimento da censura. E os governos que querem censurar a internet estão descobrindo como é difícil tentar controlar a rede de computadores com meias medidas. Primeiramente, porque a evidência grande de censura pelos governos leva a gerar uma rede de simpatia e solidariedade de outros países, organizações e pessoas que vão buscar mecanismos e brechas para manter o país conectado digitalmente, burlando essa vigilância. Em segundo lugar, porque a população do país questiona mais ainda a censura quando ela atinge também a maioria das pessoas que usam a internet para curtir a vida, compartilhar fotos e momentos. Assim, quando um governo censura a internet, deve pensar duas vezes, pois pessoas

⁶ Pesquisa realizada com 22.729 usuários ativos de internet em 38 países. Fonte Bluebus:

http://www.bluebus.com.br/show/1/91608/sao_63_os_usuarios_no_planeta_q_ja_criaram_perfil_em_rede_social

“despolitizadas” tomam consciência de que o governo teme a livre circulação de informação, pois bloqueia tudo para poder bloquear alguns vídeos políticos.

Desde o começo da era digital, governos e rebeldes lutaram por causa das tentativas de censurar as comunicações. Mensagens curtas de texto, sites na internet, redes sociais podem ser usadas para reunir os simpatizantes em uma causa ou outra. Quando Mianmar tentou silenciar os manifestantes em 2007, desativou a rede da internet no país durante seis semanas. A China bloqueou o acesso ao YouTube e ao Twitter, além de blogs, nos dias próximos à data que marcou o 50º aniversário do levante no Tibete em 1959 (e dos protestos dos ocorridos no ano passado) bem como próximo aos 20 anos dos protestos da Praça da Paz Celestial, em 1989, ocorridos em junho. Assim também, outros países, como o Irã tem expandido e aprimorado os mecanismos de filtragem de sites para bloquear o acesso da população. Os mesmos softwares de filtragem, caros e sofisticados, que ajudam o FBI (Federal Bureau de Investigações) a buscar mensagens criminosas de Bin Laden são utilizados por regimes totalitários para restringir mensagens e postagens na internet.

No caso do Irã, “desde 2006 a conexão à web é restrita a 128 kilobits por segundo”. De acordo com a Repórteres Sem Fronteiras, “17 blogueiros iranianos foram presos ou interrogados no ano passado, mas o crescimento do número de internautas a uma taxa anual de 48% nos últimos 8 anos fez surgir uma das maiores e mais ativas blogosferas politizadas do mundo”. O cenário é descrito no último relatório divulgado em junho sobre a censura da internet no Irã, do instituto OpenNet Initiative (ONI), organização mantida por pesquisadores de universidades dos EUA, Canadá e Reino Unido.⁷ A ONI conduziu testes nos maiores provedores de internet do Irã e concluiu que o país tem bloqueado o acesso principalmente a sites de defesa dos direitos humanos e das mulheres e às páginas de partidos de oposição ao governo.

As redes sociais e sites de compartilhamento de conteúdo se tornaram alvo dos países que censuram a internet em 2009. Com a proximidade das eleições no Irã, o país passou a bloquear sites de relacionamento, como o Facebook, MySpace e Orkut (que também era popular no país) e a sites de vídeo e fotos, como YouTube e Flickr.⁸

Essas tentativas de governos autoritários para impedir essa nova realidade estão oferecendo um laboratório do que pode ou não pode ser feito nessa nova era da mídia. Também está oferecendo lições para outros governos. Uma das primeiras lições é que é mais

⁷ SERRANO, Filipe para o Jornal O Estado de São Paulo de 22jun 2009 – caderno Link

⁸ SERRANO, Filipe para o Jornal O Estado de São Paulo de 22jun 2009 – caderno Link

fácil limitar as imagens e a informação dentro do país do que impedir que se espalhem rapidamente para o mundo exterior. Enquanto o Irã restringia o acesso à internet, surgia uma rede mundial de simpatizantes para ajudar a conectar os ativistas e a população de modo geral.⁹

A ampla penetração da web torna a censura “um trabalho muito complicado”, disse John Palfrey, codiretor do Centro Berkman para a Internet e a Sociedade, em Harvard, EUA. O Centro estima que “cerca de 35 governos —tão díspares quanto China, Cuba e Uzbequistão— controlam extensamente o acesso de seus cidadãos à rede mundial”. Palfrey disse que a tendência tem sido um aumento da censura, e não diminuição. “É quase impossível o censor vencer no mundo da internet, mas eles estão brigando firmemente”, disse o diretor.¹⁰

A internet vem rompendo anos de controle estatal em vários países, como Cuba, China e Irã, mas postar fotos, vídeos e textos, em alguns casos, é uma atitude muito perigosa nestes lugares. Os governos fecham até os serviços de mensagens de texto pelo celular no país, desligam a web durante horas, retiram acesso às redes sociais e sites de vídeos e fotos, mas apesar da repressão, os vídeos e as mensagens postadas nestes países indicam que ferramentas amplamente distribuídas na rede não podem ser totalmente reprimidas por um governo autoritário. “Você não pode tentar trancar toda a internet em uma caixinha no seu país, como a China constantemente tenta fazer”, disse Richard Stiennon, fundador da IT-Harvest, empresa de pesquisa de segurança na web¹¹. “Há inúmeras maneiras de contornar bloqueios”. Para ter sucesso esses governos teriam de proibir toda a internet ou construir sua própria rede.

6. Blogs como meios de resistência aos sistemas totalitários e o exemplo de Cuba

O novo ambiente midiático é muito mais rico, temos mais opções de escolha de informação e, embora seja um acesso menos geral do que muitos apregoavam, pela primeira vez, podemos publicar e distribuir a informação – em forma de texto, áudio e vídeo - de

⁹ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

¹⁰ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

¹¹ STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental 29 jun. 2009.-caderno The New York Times textos selecionados para a Folha de S. Paulo

forma global. Com a evolução das telecomunicações e da tecnologia, temos novos dispositivos sem fio, que trazem também a mobilidade. Estar conectado e ser móvel estão se tornando características do ser humano do novo século. Essas novas ferramentas fizeram da produção jornalística atual um exercício de mobilidade e trabalho em tempo real.

Com o jornalismo móvel e “*always on*” os desafios de cobertura de assuntos de interesse da população, como incêndios, inundações e até de eleições, como a norte-americana e a iraniana, pode-se perceber que os blogs desempenhavam muito bem essa função – e com mais rapidez (na produção, difusão e recepção de conteúdo). A blogosfera se revela como uma grande catalisadora dessas condições e uma reverberadora das tensões e receios desta sociedade na sua busca incessante pela notícia instantânea, em tempo real. Durante os períodos de crises e de emergências, o interesse de uma cobertura com essas características ganha mais relevância e é alimentado pelo próprio anseio do imediatismo deste público.

Embora possa parecer inesperado, uma cultura vibrante está fazendo surgir blogueiros independentes em Cuba, um país conhecido por ter muitas restrições à comunicação, à liberdade de expressão. Em um novo relatório do Committee to Protect Journalists (CPJ)¹², Carlos Lauria e Maria Salazar Ferro mostram o desenvolvimento de uma comunidade de blogueiros independentes no país, mas ainda não se sabe se o governo cubano está liberando a mídia ou se preparando para um ataque contra a imprensa. Segundo o relatório, ao menos 25 blogs com muitas notícias e atualizados regularmente estão sendo produzidos por autores cubanos, segundo a análise do CPJ. Apesar das fortes restrições legais e de acesso à Internet (pelo lado econômico e prático: os cubanos não possuem acesso às redes digitais em suas residências e têm que ir a hotéis usar a rede e pagar com cartões de crédito escassos e caros no país), apesar de todas as proibições e dificuldades, a existência de blogs cubanos têm crescido, desde 2007, quando se teve notícia do primeiro blog de Cuba. Os blogueiros, na maioria das vezes jovens, em várias profissões, escrevem para analisar criticamente os problemas diários enfrentados como falta de comida, saúde e educação, problemas de habitação e a falta de acesso à Internet. As autoridades cubanas têm censurado alguns de seus trabalhos. Neste relatório, o CPJ solicita às autoridades cubanas que parem de incomodar os blogueiros, removam todas as barreiras legais ao acesso à internet, e, especialmente, libertem os 22

¹² Fazem parte da CPJ: *Associação Nacional da Imprensa (ANP) – Chile; Associação Nacional da Imprensa – Argentina; Conselho da Imprensa Peruana (CPP) – Peru; Associação dos Diários Colombianos (ANDIARIOS) – Colômbia; Associação de Entidades Jornalísticas Argentinas (ADEPA) – Argentina; Associação Equatoriana de Editores de Jornais (AEDEP) – Equador e Associação Nacional de Jornais (ANJ) – Brasil – acessado em 22/08/10*

blogueiros que permanecem presos em Cuba. O CPJ pede aos blogueiros internacionais para divulgarem o trabalho dos jornalistas cubanos e solicita às empresas de tecnologia que garantam que seus produtos não sejam usados para restringir a liberdade de expressão.

Em Cuba, onde a imprensa oficial é a única fonte de informação para a maioria dos cidadãos, os blogs estão surgindo como um ar renovado na comunicação, mas ainda é uma tarefa difícil e arriscada.

O acesso restrito à internet, determinado pelo governo de seu país, não impediu Yoani Sanchez, uma jovem blogueira cubana que aos 32 anos, em 2008, foi incluída na lista das 100 pessoas mais influentes do mundo da revista Time por causa do blog que começou a escrever em 2007, o Generación Y, no qual que relata o cotidiano de Cuba. Para colocar seu blog na rede ela desencadeia um verdadeiro exercício de superação, quase uma operação de guerra. Para postar, ela escreve o texto em um computador sem conexão com a internet, salva o texto num dispositivo de armazenagem, vai até um hotel ou lan-house e o envia por e-mail a amigos. Estes o traduzem em vários idiomas e mandam o texto para o servidor, hospedado fora de Cuba. São esses amigos internacionais que administram os comentários e mandam uma versão condensada para que Yaoni os leia. Fora da ilha, pode-se lê-lo em nada menos que 17 idiomas além do espanhol. A maioria dos comentários vem dos EUA, onde é grande a comunidade cubana dissidente. Em seguida vem a Espanha.

Com o controle da internet na ilha, Yoani não tem acesso ao próprio blog. Não adianta tentar acessar o blog Generación Y de qualquer posto público em Cuba. A resposta do computador é sempre a mesma: "Error".

Yoani conta, em suas entrevistas à mídia internacional, que iniciou a postar “não por motivos nobres, mas para lidar com sua covardia”. A cada nova postagem, segundo a blogueira, podia perceber suas limitações na ilha, suas poucas possibilidades na vida real de ter a palavra. Ela hoje acredita que postar no blog é um exercício de sobrevivência e que se não pudesse fazê-lo a realidade iria paralisá-la.

Hoje, Yaoni é uma celebridade no mundo dos blogs. Já recebeu prêmios, escreveu livros, mas não pode ir receber os prêmios e nem autografar os livros fora de Cuba. Ela já solicitou permissão para ir a Espanha receber o prêmio Ortega y Gasset; para receber, em Nova York, o prêmio de jornalismo Maria Moors Cabot, que lhe foi conferido pela Universidade de Columbia neste ano, bem como para vir ao Brasil no lançamento de seu livro. Em cada uma destas oportunidades, teve seu visto de saída negado sem nenhuma

justificativa. Mais que uma meio de comunicação, o uso do blog pela cubana Yoani Sanchez, talvez seja a melhor maneira de luta da blogueira.

CONCLUSÃO

A importância dos blogs como meio de comunicação em regimes totalitários

Em menos de 15 anos, as comunicações via blog explodiram. Blogs evoluíram tanto que a palavra hoje perdeu um pouco do seu significado original, servindo como uma definição de quase toda e qualquer comunicação online. Há uma abundância de blogueiros fazendo jornalismo online, mas muitos outros só estão tentando fazer algo para se expressar, para descobrir o quê gostam de escrever e dizer algo de suas próprias vidas e experiências. Na web, você também tem a oportunidade - através de links, blogs e comunidades de outros ambientes sociais - de comparar o que você está dizendo com o que os outros estão dizendo e ler suas respostas. Os usos e os tipos de blogs são inúmeros e crescem a cada dia.

O blog não pode ser encarado como “um fenômeno passageiro”, uma coisa menor., como já foi visto anteriormente. Ele é um meio muito eficiente e vai ao encontro do desejo de conexão e comunicação do ser humano, do desejo de pertencer a uma rede social e ter voz nessa comunidade. A riqueza da blogosfera pode ser vista como esta pluralidade de vozes, a democratização da expressão e a dinâmica das redes.

O caso da blogueira cubana Yoani é apenas um caso destacado pela premiação da cubana recentemente entre vários nos quais a internet abriu um canal para cidadãos manifestarem descontentamento com a conduta oficial, mostrando o potencial da rede como catalisadora de transformações sociais. As redes digitais são uma grande caixa de reverberação de informações.

As reações de governos autoritários levantam perguntas quanto ao poder que as autoridades possuem para controlar o que chamam de “incidentes de massa on-line”. Os países autoritários, como China, Irã e Cuba, exercem controle abrangente e sofisticado sobre a internet e empregam milhares de pessoas para monitorar a rede, usando softwares complexos e caros para localizar palavras-chave que possam ser indicativas de subversão. Mas o sistema não é infalível, e os internautas freqüentemente encontram maneiras de driblar a censura, muitas vindas de outros países, de blogueiros estrangeiros.

São fatos novos na rede e por estarem sendo mostrados *on-line* esses fatos trazem benefícios práticos. Criam mais uma barreira à censura. Além dos benefícios, há algo de

satisfatório no fato de um país ser ajudado por blogueiros comuns que de repente manifestam sua habilidade organizacional e sua crença nos princípios de liberdade e solidariedade.

O público dessas redes digitais está cada vez mais consciente das idéias democráticas, da transparência e da responsabilidade. Esses internautas estão aproveitando, a todo momento, os pequenos espaços e estão avançando. Nem todas as cruzadas são de interesse público, mas algumas campanhas na web parecem estar surtindo bons resultados.

Facilitar a expressão de idéias e contato entre pessoas é um dos méritos da rede, mas esses exemplos de comunicação não podem nos deixar acreditar no determinismo tecnológico, na crença de que isso resolveria grande parte dos problemas globais. A tecnologia não é por definição amiga da democracia e inimiga de regimes autoritários. Muitas pessoas das sociedades democráticas acreditam que a web 2.0 faz os países e governos caminharem para a participação mais direta de todos os cidadãos, que isso force os países autoritários no rumo da democracia. Não podemos ser tão “ciberotimistas”.

É uma utopia acreditar que países como Cuba, Irã e China estão se abrindo por causa da força das redes sociais ou que existe uma participação mais direta do cidadão. Em muitos casos, as redes só fazem com que cidadãos desses países descubram o que é uma democracia, o que é liberdade de expressão. A mudança deve ser política, embora a consciência do problema possa gerar um potencial para a mudança.

Além disso, se a internet é um meio que pode ser usado pela democracia, ela também pode ser usada, da mesma forma, pelos regimes autoritários. Em vez de favorecer regimes democráticos, a rede pode ter o papel inverso. Muito se fala do uso das redes sociais para mobilização de grupos, mas estes grupos podem ser de ajuda à democracia ou não. Os terroristas, extremistas, fanáticos religiosos, intolerantes raciais, também podem fazer uso das redes sociais com sucesso. Os governos ditatoriais também aprendem a usar a internet a seu favor, aprendem a usar o poder das mídias sociais.

Cada vez mais os governos, democráticos ou totalitários, percebem que a internet é um campo estratégico e que estar presente na rede é importante, mas países como China, Irã e Cuba, dificilmente serão mudados com posts em blogs ou 140 caracteres no Twitter. A política, praticada diariamente no mundo real, é a chave para uma mudança real.

Referências bibliográficas

BARABASI, Albert-Laszlo. **Linked**: How everything is connected to everything else and what it means. EUA:Plume Publishing, 2003.

BLACK, Roger. **Websites que Funcionam**. São Paulo: Ed. Quark, 1997.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Ed. Loyola, 1999

_____. **A Galáxia da Internet**. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 2003

COHEN, Noam. Fotos de gatinhos ajudam blogs a driblar censura. **Folha de São Paulo**. 29 jun. 2009. Caderno The New York Time- Textos selecionados, pg.2.

CPJ relatório especial: Nos artigos sobre Cuba, os bloggers oferecem nova esperança http://ifex.org/cuba/2009/09/15/blog_report/es acessado em 20/10/09

EVANS, Philip e WURSTER, Thomas S. **A Explosão dos bits** -estratégias na e-economia. Rio de Janeiro: Ed. Campus, 2000

FRIEDMAN, T. **O Mundo é Plano** – breve história do século XXI, Rio de Janeiro: Ed. Objetiva, 2005/2006 (segunda edição revisada e atualizada pelo autor)

GALIMBERTI, Umberto. **Psiche e Techne** – o homem na idade da técnica. São Paulo, Ed. Paulus, 2006

HEWITT, Hewitt. **BLOG-Entenda a Revolução que vai mudar seu Mundo**. Rio de Janeiro: Ed.Thomas Nelson Brasil, 2007

JOHNSON, Steven. How Twitter Will Change the Way We Live.**Time**.05/06/09. Disponível em <<http://www.time.com/time/business/article/0,8599,1902604,00.html>> acessado em 10/06/09

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999

_____. **A Inteligência Coletiva**. São Paulo: Ed. Loyola.2000

LI, Charlene e BERNOFF, Josh, **Groundswell** –winning in a world transformed by social technologies, Massachusetts, EUA :Harvard Business Press, 2008

LORES, Raul. “Blogs são imprensa livre que não temos”, diz blogueiro do Irã. **Folha de São Paulo**. 28 jun. 2009. Caderno Mundo, pg. A24.

MANOVICH, Lev. **The Language of the New Media**. Massachusetts: The MIT Press, 2001

MATIAS, Alexandre.. Da rua para a rede, da rede para a rua. **Estadão.com**. Link Edição 921. 22 jun.2009. disponível em <<http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link,redes-sociais-sao-novo-alvo-de-censura,2807,0.shtm>> Acessado em 27 jun.2009.

MCLUHAN, Marshall. **Os meios de comunicação como extensões do homem**. São Paulo: Ed. Cultrix ,2007

RAMONET, Ignácio. **A Tirania da Comunicação**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1999

SCOBLE,Robert & ISRAEL, Shel. **Naked Conversations** – how blogs are changing the way businesses talk with costumers, New Jersey,: Wiley & Sons, 2006

SERRANO, Filipe. Redes sociais são novo alvo de censura. **Estadão.com**. Link Edição 921. 22 jun.2009. disponível em <http://www.estadao.com.br/noticias/tecnologia+link_redes-sociais-sao-novo-alvo-de-censura,2807,0.shtm> Acessado em 27 jun.2009.

STELTER, Brian e STONE, Brad. Internautas combatem repressão governamental. **Folha de São Paulo**. 29 jun. 2009. Caderno The New York Time- Textos selecionados, pg.1

TRIVINHO, Eugenio. **A dromocracia cibercultural**. São Paulo. Ed. Paulus, 2007
_____.O Mal-estar da teoria. Rio de Janeiro. Ed. Quartet, 2001

UOL - <http://www1.folha.uol.com.br/folha/informatica/ult124u617772.shtm> acessado em 20/10/09